

A PADRONIZAÇÃO DOS ESTUDANTES POR MEIO DOS UNIFORMES ESCOLARES: ESTUDO DE CASO

Rejane Gimenes da Rosa*

Resumo: Este artigo investiga como pode ocorrer a padronização de estudantes por meio do uniforme escolar, através de reflexões a respeito de seu uso e também por meio de imagens colhidas em uma instituição. A análise busca identificar marcas deixadas ao longo do tempo, bem como os valores sociais comunicados pelo uniforme escolar. Com base nos conceitos de moda trazidos por Bauman (2011) e Maroja (2013), realizo uma análise fotográfica de uniformes escolares de décadas distintas, tomando como fonte de informações o acervo fotográfico do Colégio Municipal Pelotense. Com esta análise, busco identificar as marcas deixadas nestes uniformes, bem como os valores sociais comunicados pelo uniforme escolar. A análise das imagens fotográficas permitiu identificar forte influência dos ideais militares nos uniformes utilizados até a década de 40, bem como a pluralidade de ideias e conceitos, expressa pelo não uniforme da atualidade.

Palavras-chave: Uniforme escolar. Moda. Uniformização.

1 Introdução

Minha intenção ao fazer uma leitura do uniforme escolar é poder resgatar os valores que se podia comunicar através dele, para que fosse possível de alguma forma trazer aceitação, tanto por si como pelo próximo, sentimento este que percebo reduzido, enfraquecido na escola atual.

Pode-se caracterizar estudo de caso como sendo uma pesquisa de cunho detalhado de um ou poucos objetos, permitindo desta forma um olhar mais atento ao que se deseja analisar. Nas ciências sociais, hoje, pode se considerar o estudo de caso como um delimitador mais adequado ao fenômeno contemporâneo que desejamos pesquisar ou com o propósito de explicar o contexto de determinada pesquisa com a intenção de tentar desvendar determinados fenômenos onde não é possível a utilização de experimentação é que podemos lançar mão do

* Pós-graduanda do programa Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Profissional com Habilitação para a Docência do Instituto Federal Sul Rio-grandense - Campus Pelotas. E-mail: rejanegimenes@gmail.com

estudo de caso (GIL, 2010). Com base nestas afirmações proponho analisar o uniforme escolar do CMP.

O trabalho se origina de inquietações a respeito do uso de uniformes escolares. Até que ponto se pode relacionar moda com ambiente escolar? Quais influências do contexto social a que este aluno está inserido, e, de que modo (forma) a situação política do país, cidade ou até bairro pode influenciar na maneira de como os alunos devem (ou não) se vestirem, que marcas podemos identificar nesta vestimenta?

Através de imagens fotográficas colhidas em seu acervo histórico, acervo particular e fotografia do uniforme de oficiais das décadas entre 30 e 50, obtida através do Museu do Exército, foi possível comparar e avaliar a evolução dos uniformes ao longo do tempo.

Por meio da observação de um uniforme escolar, podemos saber qual a sua localização no tempo político e social vivido por determinada comunidade escolar? “Dentre um conjunto de elementos materiais que compõem a escola e sua cultura está o uniforme, materialidade aqui concebida como um dos elementos constitutivos da cultura escolar”. “(RIBEIRO E SILVA, 2012, p.577)”.

2 Moda

Começo então com a análise do termo moda que hoje em dia é amplamente utilizado, mas que como se pode perceber possui vários significados e usos. Inicialmente trago à discussão o que está transcrito no dicionário Michaelis (2009, s.p.) Sobre moda: pode vir a ser uma:

forma atual do vestuário, um gosto ou maneira como cada um faz as coisas, uma cantiga, o valor mais frequente numa série de observações, variações contínuas de pouca duração que ocorrem na forma de certos elementos culturais (indumentária, habitação, fala recreação etc).

Mas que, inserido no contexto escolar, passa a ter significados diferentes.

O conceito que se tem de moda, no senso comum, gira em torno de *glamour* e passarela. Na realidade, a moda está incluída em nossa vida de uma forma bem mais ampla, pois todos têm que se vestir e escolhem as suas roupas de acordo com sua personalidade, estado emocional, ocasiões, grupo social com o qual queiram identificar-se, como querem ser vistas, entre outros.

Na perspectiva de Gabriela Maroja, que considera a moda algo além de *glamour*, pode-se afirmar que a moda não é só a roupa, nem o luxo que ela carrega, mas, antes de tudo, um modo de vida, comunicação, símbolo, e não há moda que não esteja imbricada com aspectos sociopolítico-econômicos de determinado grupo, de uma época e ou de um corpo, pois se este “corpo fala logo a moda existe” (MAROJA, 2013, s.n.).

Segundo Maroja (2013) o corpo fala, sendo usado como vitrine de moda. Sem este corpo não pode haver moda, pois ele é usado para demarcar a cultura integrando-se dentro de determinada sociedade. Pode-se dizer que tudo tem relação com moda. Assim, “não se segrega o que o corpo veste dele próprio! Ou seja, a moda é uma representação de nosso corpo no mundo, de nossa corporeidade.

Esta corporeidade não é simplesmente vestida pela roupa, mas sim há um diálogo entre elas. Percebemos claramente que quando usamos diferentes trajes temos comportamentos diferentes de acordo com sua forma e textura, ou seja, de acordo com a ocasião ou o local onde estamos a escolha dos tecidos tem influência, percebemos que o gestual se modifica bem como o corpo se transforma (CASTILHO, in OLIVEIRA 2007). Assim o ser humano passa a buscar sua individualidade representando, por meio do vestuário e seu estilo de vida, pensamentos e necessidades.

Cada uma das épocas históricas, cada uma das culturas e sociedades existentes instalam valores em sua forma de vestir e decorar seus corpos, que se traduzem em imagens de corpos esteticamente vestidos e adornados segundo determinada moda. Os modos de combinar corpo e moda são documentos visuais, textos que falam de uma determinada maneira de ser e parecer, de valores de uma época de uma estética e de um corpo produzido e organizado pela cultura em um momento específico. A moda faz, pois circular o sistema de valores partilhado pela sociedade a qual este pertence (OLIVEIRA 2007).

A partir do momento em que as cidades começaram a se desenvolver, o ato de vestir teve uma mudança, passando do ato de cobrir o corpo para a diferenciação de classes sociais e também como forma de, porque não dizer, uniformização do indivíduo a partir da revolução industrial (BRANDES e SOUZA, 2012) com o intuito de identificar e também segregar os trabalhadores a fim de diferenciar as classes, permitindo assim uma leitura que antes não era tão evidente, de modo que vestir-se passou a ser mais do que cobrir-se, tornou-se uma forma de expressão de identidade, distinção e de pertencimento a uma determinada classe e, ao mesmo tempo, tornando este indivíduo único e de fácil identificação (ibid., 2012).

Com a industrialização houve um grande movimento de abandono do meio rural, muitos vieram para os meios urbanos desenvolvendo assim as metrópoles. Nestas as pessoas

não se conheciam, por virem de vários lugares e, estando tão ocupadas, a forma mais rápida e fácil de identificação foi por meio do modo de vestir. Assim, “a roupa comunica a identidade de quem a veste, e a imagem comunicada pode ser transmitida e compreendida” (BRANDES e SOUZA, 2012).

Com o surgimento das máquinas, surgem, também novos pensamentos e processos, com uma influência direta nos valores da sociedade. Posterior à sociedade de produção, surge a sociedade de consumo onde o indivíduo passa a ser o que consome, aparecendo aí à relação do parecer/aparentar e não mais a do ser, inserindo este indivíduo em um sistema com seus valores no mercado e não nos valores humanos (ibid., 2012).

De acordo com cada cultura, o modo como vestimos nosso corpo é o que vai caracterizar uma sociedade, demonstrando a hierarquia que há dentre suas classes. O vestuário (leia-se moda) há muito tempo vem sendo considerado como um importante parâmetro social, tendo sua função de estabelecer a localização do indivíduo na sociedade e também utilizado como forma de distinguir ou padronizar determinados nichos desta. Assim, tornando o que podemos chamar de uniforme (FORTY, 2009).

Bauman ainda traz para esta discussão a premissa de que a moda é um moto perpétuo e como tal está em constante mudança nunca chegando a atingir o seu objetivo final, pois quando isto está perto de ocorrer ela muda novamente. Ela está sempre se fazendo, no caso da moda, a “uniformidade inerte” não é o “estado final”; na verdade, esta é uma perspectiva cada vez mais distante (BAUMAN, 2011.p.79).

Enfim, moda pode ser considerada uma linguagem onde há articulação entre dois sistemas de expressão complexos (o da moda e o do corpo). Sendo assim, incluiu aqui tanto o sistema da roupa como o do corpo. E por falar de sistema, cada um deles possui um “conjunto de elementos que é intelectualmente organizado por intermédio da cultura e das escolhas que a sociedade faz...” (CASTILHO, in OLIVEIRA 2007 p 14).

Então, no sentido mais usual, moda acaba sendo a forma de vestir e adornar o corpo segundo tendências contemporâneas massificada em um mercado. A partir destas considerações, pretendo aproximar moda e ambiente escolar, de forma a fazer uma leitura em três uniformes de décadas distintas do CMP.

3 O contexto da pesquisa: o Colégio Municipal Pelotense

Pelotas é uma cidade há muito considerada como centro educativo, por comportar desde os idos de 1900, muitas escolas particulares e oficiais que atendiam uma gama significativa de estudantes pelotenses e provenientes de várias localidades de seu entorno.

Segundo relata Amaral (1999), o Colégio Municipal Pelotense nasceu com o nome de Gymnasio Pelotense, no ano de 1902. Sua fundação foi baseada nos princípios da maçonaria, que defendiam que a educação deveria ser laica, sem vínculo qualquer com a igreja católica vigente na época, e proporcionando assim uma educação mista, ou seja, onde meninos e meninas poderiam estudar juntos.

Visto que a Maçonaria se considerava defensora dos direitos das mulheres, em contraposição a desigualdade social defendida pelo catolicismo, propunha este misto entre feminino e masculino. Um exemplo deste princípio foi a participação dessas mulheres em concurso de tiro ao alvo, atividade até então tipicamente masculina. No ano de 1924 o ginásio, que era particular, foi municipalizado e, em 1948, passou a chamar-se Colégio Municipal Pelotense, nome que conserva até os dias de hoje.

Analisando os uniformes adotados pela instituição acima citada, qual a marca mais visível que se percebe? Ribeiro e Silva (2012) nos trazem a informação de que o uniforme nas escolas brasileiras passou a ser adotado no com surgimento da República e a expansão do ensino, com o intuito de evitar o contraste entre ricos e pobres [...] “símbolos de padronização, os uniformes foram considerados um elemento fundamental para a construção de um sistema educacional”...] que presumia uma educação para todos.

4 Interpretando imagens

Além de servir como registro histórico, podemos utilizar as imagens como fonte de informação para análise das roupas, considerando que a forma como nos vestimos dialoga com o mundo, nossos valores e tecnologias entre outros (OLIVEIRA, 2007.).

Ao analisar uma imagem podemos observar que a configuração que usamos para nos vestirmos comunica muito. Existe um texto escrito em cada combinação de peças que fazemos ao longo dos dias, bem como em cada peça com relação a botões, tipos de golas e por aí afora, escrevemos um texto diferente a cada troca de roupa. “Estes textos propõem...”

Ideias, conceitos e noções. “Ou provocam; ou sugerem; ou insinuam (ideias, conceitos e noções)” (OLIVEIRA, 2007. p. 25).

Vestir diz respeito ao singelo e compulsório do cotidiano, ao qual estamos todos submetidos, para nos abrigar ou para estarmos socialmente adequados, ou para causar boa impressão, ou para afirmar nossa identidade, ou para agradar alguém que se ama, ou para ser notada por quem se quer que nos ame, ou para conseguir tudo de uma vez só, em um mesmo texto visual (ibid. 2007. p. 59).

Barthes trabalha com a análise do vestuário em três esferas distintas que são: o vestuário-imagem, vestuário escrito e vestuário real.

O vestuário impresso (imagem e escrito), juntos ou separados, tem como finalidade analisar o vestuário real. Sendo o real entendido na função de pudor, adorno ou proteção, o vestuário imagem, vem com a função de **significar** proteção, pudor ou adorno. Já no vestuário escrito não se percebe

[...] nenhuma função prática nem estética: ele é inteiramente constituído em vista de uma significação: se a revista descreve certo vestuário com palavras, é unicamente para transmitir uma informação cujo conteúdo é: Moda; [...] o vestuário escrito não é perturbado por nenhuma função parasita e não comporta nenhuma temporalidade vaga [...] (BARTHES, 2009, p.27).

Neste contexto Barthes (2009) nos diz que uma fotografia de vestuário pode nos trazer a representação (signo) do vestuário real, dando significado a esta imagem fotográfica que se deseja analisar de modo a despertar uma cadeia de significados para cada sociedade em seu contexto e em seu tempo.

O que interessa para a análise dos uniformes escolares é o vestuário imagem do qual lanço mão a fim de efetuar a leitura das imagens que coletei junto à instituição pesquisada. Desta forma o que posso identificar aqui é que o vestuário consiste em um sistema de significações ao qual Barthes se refere.

Conforme citamos anteriormente todo e qualquer traje ou vestimenta pode ser considerada um texto ou discurso, na “linguagem verbal usamos palavras, na moda, usamos linhas, formas cores texturas e pontos: pontos de atenção como um decote”[...] Sendo que textualmente podemos organizar as palavras a fim de criar uma sentença, enquanto na moda utilizamos esta organização a partir de ”[...] Textura-cor, dimensões-formas, e as mais variadas combinações entre linha, retas horizontais, verticais, diagonais ou curvas diversas” (OLIVEIRA, 2007).

A seguir, trago as imagens fotográficas utilizadas para esta análise onde é possível traçar um comparativo entre a vestimenta do exército e a do uniforme escolar adotado pela referida instituição.

5.1 Décadas de 20 e 40

Figura 1 – Uniforme de passeio de oficiais e sargentos da Força Expedicionária Brasileira – décadas de 30 e 50



Figura 2 – Estudantes em desfile pela Rua Félix da Cunha – década de 20



Figura 3 – Estudantes do Pelotense em frente à confeitaria Brasil – década de 40



É possível observar nestas imagens que, entre as décadas de 20 e 40, não existiram alterações nos uniformes nem na postura dos estudantes, observada nas imagens, exceto que as meninas passaram a fazer parte dos desfiles. A análise que faço deste uniforme é que expressa toda a cultura da época; podemos perceber a base de uma escola na disciplina dos quartéis onde o uniforme escolar trazia muitas referências do exército. Inclusive na escola pesquisada os meninos eram educados para a guerra o que incluía até certa data na escola, o treino de tiro para alunos com mais de 16 anos de idade (PELOTAS MEMÓRIA, 2002. p.18). Nesta época em particular, as roupas traziam inclusive as dragonas¹ indicando que a escola estava diretamente ligada à atividade do exército.

Sendo assim, ao olhar estas primeiras imagens é possível perceber que o mesmo rigor utilizado na perfilação dos indivíduos no desfile pode ser observado no alinhamento do traje tanto do exército como no uniforme escolar onde o alinhamento dos botões, as linhas retas e a simetria dos bolsos nos diz muita coisa.

Como exemplo, associamos à vestimenta o rigor com que os estudantes eram educados, pois, mesmo estando longe do centro de guerra ainda assim tiveram influências da 1ª e 2ª guerras mundiais, bem como do atendimento às exigências da consolidação do capitalismo.

Desde que a escolarização foi idealizada, foi possível vislumbrar a preparação do indivíduo para o trabalho na indústria, tentando moldá-lo desde cedo para o trabalho, mesmo que esta escola não tenha sido desenvolvida com esta intenção (ENGUITA, 1989). O sentido de pertencimento trazido pelo uniforme nesta época, tornando o estudante um membro desta

¹Dragona - s.f. Pala, guarnecida ou não de franjas, usada pelos militares em cada ombro e indicadora muitas vezes de seu posto. Símbolo do posto de oficial.

escola onde se proclama uma cultura de massas, onde todos são iguais e são preparados para servir a pátria.

5.2 Décadas de 60 e 70

Figura 4 – Estudantes reunidos no ginásio de esportes do colégio em uma atividade educativa – décadas de 60-70



Figura 5 – Semana da Pátria, estudantes desfilando na Avenida Bento Gonçalves – décadas de 60-70



Esta época em especial tem um significado para mim muito particular, pois faz parte de minhas recordações da infância e adolescência. Lembro-me de que, quando criança, à época da ditadura militar, estudei em escolas públicas, primeiramente em uma escola municipal de ensino fundamental até a quarta série. Recordo o clima austero na escola, reflexo este advindo, acredito, da própria condição política do país. Estes fatos aconteceram por volta de 1975 a 1979.

Tenho comigo, acredito que herança desta época, a grande satisfação de poder pertencer a algum grupo onde todos eram tratados com austeridade sim, mas onde existia

menos agressividade entre as pessoas. Uma das disciplinas curriculares era chamada de Organização Moral e Cívica onde eram ensinados valores, como Ética e Moral os quais percebo hoje diminuídos ou em alguns casos até inexistentes em nossas escolas. Dentro desta disciplina podiam-se desenvolver estes valores no contexto de que:

Os seres humanos agem conscientemente, e cada um de nós é senhor de sua própria vida. Mas como resolvemos o que fazer? Você em algum momento já pensou em como toma as suas decisões sobre o que fazer em determinada situação? Você age impulsivamente, fazendo “o que lhe der na telha” ou analisa cuidadosamente as possibilidades e as consequências, para depois resolver o que fazer? (GALLO. 2012.p.54)

Assim, a meu ver, buscava-se desenvolver uma postura ético-moral que predominava dentro das escolas em sua maioria.

Já em 1980, quando mudei de escola ingressando em uma estadual o uniforme era um pouco diferente, pois era permitido o uso de calças compridas (não somente saias). Nesta época Também não era preciso cantar o hino nacional todos os dias, somente em datas comemorativas. Mas o resto era igual, saia, meias brancas e blusa azul.

Observando estas imagens fotográficas em particular, vêm à memória os sentimentos que tinha de orgulho por estar usando um uniforme mostrando que estava na escola. Por outro lado, também poder ser igual a todos, onde o uniforme amenizava as diferenças socioeconômicas.

A escola com seus uniformes onde o decote devia ser bem fechado, pois o pudor era cobrado, a saia era longa, no momento não mais trazia as referências do exército. É possível ainda perceber que a escola ainda reproduz um sistema de educação baseado na rigidez onde ainda se desfila, e demonstra o amor ao país.

Nesta época em particular, onde pude estar envolvida no contexto da pesquisa, posso dizer que a obrigatoriedade da utilização do uniforme era recebida com certo ar de felicidade, pois quando se entrava para a escola a primeira coisa que se pensava era em ter um uniforme. Poder mostrar a todos que se estava na escola só por estar usando uma vestimenta que para isto se destinava.

5.3 Atualidade

Figuras 6 e 7 – Estudantes em desfile comemorativo – 2013



Entretanto, hoje as escolas públicas não mais adotam obrigatoriedade do uniforme exatamente porque, muitas vezes, os responsáveis por estas crianças não têm condições de arcar com estes gastos. Desta forma, começam em certos casos a aparecer problemas de ordem de respeito e companheirismo com os alunos de baixa renda. Recordo e tenho até hoje marcas deste tempo de austeridade sim, mas também creio de ensino de ética e nacionalismo.

Segundo Bauman, a liquidez das coisas e também das relações humanas dos tempos atuais passa a se refletir na vestimenta, onde o ter se torna mais que o ser, onde as pessoas medem o seu valor no que possuem e não no que são realmente.

Em uma época em que o consumismo é, segundo Bauman (2010p.83) um produto social, o consumo para a sobrevivência, não é suficiente se o indivíduo deseja agir de acordo com as regras do consumismo. Antes serve a muitos propósitos, sendo considerado um fenômeno polivalente e multifuncional, dispositivo verdadeiramente universal.

Consumismo então atua como transformador de seres humanos em consumidores relegando outros aspectos a um segundo plano, promovendo a “reutilização da necessidade biológica como capital comercial. Às vezes, inclusive, como capital político”.

Deste modo, podemos ver o reflexo do consumismo nas vestimentas atuais e o não uniforme das escolas públicas da atualidade em nossa cidade. Nestas imagens é possível perceber que, mesmo ainda com a sensação de pertencimento à escola, não mais se faz necessária à utilização do uniforme para externar este sentimento, pois como em todas as outras imagens, os estudantes estão desfilando pela escola, não mais organizados e perfilados como das outras vezes, mas mesmo assim demonstrando o amor pela escola.

Dessa forma, os estudantes expressam interesse pelos movimentos escolares, não como antes, mas em uma desorganização organizada, onde lá nas décadas anteriores era necessário se moldar aos ideais políticos e sociais do país para estar na escola, hoje, não mais, proporcionando ao estudante a liberdade de pertencer à instituição sem abdicar de sua individualidade e liberdade de ideais.

Considerações finais

Longe de chegar a uma conclusão em assuntos tão vastos quanto o são Moda (vestuário, vestimenta, roupa) e Âmbito Escolar, onde os desafios da atualidade (BAUMAN, 2011.p.112), “[...] impõem um duro golpe á própria essência da ideia de educação formada ainda nos albores² da longa história da civilização [...]” e na prerrogativa de que estes assuntos têm espaço para muitas discussões ainda posso vislumbrar a ponta do iceberg que pode vir a ser a utilização de imagens como objeto de estudos para entender o contexto social em diversas épocas de nossa história.

Em um mundo onde os valores estão centralizados na liquidez, passamos a interpretar a solidez das coisas, bem como das relações humanas, antes apreciadas, com advertência, tornando-as mais abertas e impessoais.

Antes, as relações eram pautadas pela regularidade e os compromissos assumidos pelos indivíduos caracterizavam as suas escolhas como sendo únicas e irremediavelmente impossíveis de serem alterados, o que atualmente não acontece, como por exemplo, quando se escolhia uma profissão se presumia que se exerceria ela para o resto da vida até a aposentadoria.

As imagens me proporcionaram uma viagem ao longo do tempo onde pude perceber as sutis mudanças nas relações sociais aqui representadas. Essas imagens auxiliam na compreensão de que o currículo escolar também pode expressar os valores sociais predominantes de uma época por meio do vestir e da postura corporal dos estudantes.

Referências

ACERVO PESSOAL. [Sem Título]. 2013. 2 fotografias.

² Albor: 1 Brancura nívea.2 Primeira claridade do dia.

AMARAL, Giana Lange do. **O Ginmasio Pelotense e a Maçonaria: Uma Face da História da Educação em Pelotas**. Pelotas: Seiva Publicações. Ed. Universitária-Ufpel. 1999.

BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Wmf. Martins Fontes. 2009.

BAUMAN, Zigmunt. **44 Cartas Ao Mundo Líquido Moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio De Janeiro: Zahar. 2011.

BRANDES, Aline Zandonadi; SOUZA, Patricia de Mello e. Corpo e Moda pela perspectiva do contemporâneo. **Projética Revista Científica Dedesign**. Londrina, v.3, n.1., Julho 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/downloadSuppFile/12270/1992>>. Acesso em: 25 set. 2013.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (Câmara Brasileira do Livro) GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia: Elementos para o ensino de filosofia**. 20. ed. Campinas: Papirus. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas. 2010.

MAROJA, Gabriela. **O corpo fala: logo, a moda existe!**. Disponível em: <<http://textileindustry.ning.com/forum/topics/o-corpo-fala-logo-a-moda-existe>> Acesso em: 25 set. 2013.

MICHAELIS. **Dicionário de Português Online**. Disponível em: <<http://Michaelis.Uol.Com.Br/Moderno/Portugues/>> Acesso em 21 dez. 2014.

MUSEU DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE. **[sem título]** 1920; 1940; 1960; 1970. 4 fotografias.

MUSEU DO EXÉRCITO. **[sem título]** 1930-1950. 1 fotografia.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Moda também é texto**. São Paulo: Edições Rosari. 2007.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Das Materialidades da Escola: O Uniforme Escolar. **Educação E Pesquisa**, Vol. 38, Núm. 3, Julio-Septiembre. 2012, Pp. 575-588. Universidade De São Paulo. São Paulo. Disponível em: <<http://www.Redalyc.Org/Pdf/298/29824608002.Pdf>> Acesso em: 27 jul. 2014.